

Extensão: espaço de aprendizagem

A 6ª Edição de Revista Dialogos coloca em evidência uma questão ainda carente de reflexão e de evidências: a aprendizagem tem lugar na Extensão Universitária? A extensão pode oferecer elementos para a aprendizagem específica que deve acontecer em uma instituição de ensino ou de educação superior?

Antes de adentrar por uma possível elaboração de resposta, importa compreender dois conceitos presentes na indagação. O primeiro é o de Extensão. O segundo, o da aprendizagem. Extensão aqui entendida como o conjunto de ações comunitárias, prestação de serviços e eventos desenvolvidos por uma IES e que tem como finalidade ampliar a acessibilidade do conhecimento por ela gerado ou sistematizado, articulando-o com as necessidades e demandas da sociedade. Aprendizagem, por sua vez, diz respeito ao resultado do aprendizado que é o processo mental pelo qual “se toma conhecimento de algo, se o retém na memória em consequência de estudo, observação e experiência, tornando alguém apto ou capaz de alguma coisa” (Dicionário Aurélio, no termo aprender) ou como afirma (Botomé, 1996), “capaz de os (os conhecimentos) utilizarem nas diferentes situações da vida e na solução dos problemas”.

Na compreensão do Aurélio, há três momentos no processo de aprendizagem: o da tomada de conhecimento, o da retenção e o da transformação do conhecido e retido em aptidão, capacidades e habilidades. Botomé avança quando

afirma que a aprendizagem implica na transformação dos conhecimentos em capacidade para solucionar problemas, responder às necessidades e demandas da vida pessoal e social.

Como não se trata, nas IESs, de aprendizagem genérica, mas de algo vinculado à sua especificidade, a lógica exige a explicitação de sua vocação, pois a tarefa específica de uma instituição de ensino ou educação superior determina os conteúdos de que se deve tomar conhecimento, a conseqüente retenção e de que capacidades, habilidades e aptidões adquirir. A que teria vindo, então, a Universidade em relação à aprendizagem? Para a construção de carreiras? Ou para a construção de carreiras cidadãs? Ou, ainda, para a construção de carreiras cidadãs e éticas?

Parece consenso entre todos educadores, mesmo porque conhecimento “não pode ser alienado e nem alienante” (Botomé, 1996), que o que se pretende com o Ensino Superior é a construção, sim, de uma carreira, mas mais do que isso, uma carreira cidadã e, mais ainda, uma carreira cidadã e ética. Por conseguinte, há necessidade de se tomar conhecimento dos aspectos científicos e técnicos específicos da carreira, dos aspectos sociais, necessidades e demandas, para o desempenho da cidadania e das dimensões pessoais, sociais e éticas que envolvem o exercício profissional.

A indagação que emerge a esta altura da reflexão é se estes três momentos da aprendizagem, da aquisição da sensibilidade pelas necessidades sociais, do exercício da cidadania e da apropriação

da postura ética se dão de forma exaustiva, apropriada e com justeza na e somente na sala de aula (ensino). Teriam a pesquisa e a extensão alguma contribuição substantiva a ser oferecida para a aprendizagem, operacionalizada por uma instituição de educação superior?

A 6ª Edição da Revista Dialogos abandona a questão da pesquisa e concentra sua atenção nas contribuições que a Extensão pode oferecer à aprendizagem de uma IES.

Ao viajar pela 6ª Edição, topa-se com a entrevista de Pedro Demo, onde está registrada uma verdadeira demolição do pedagogo atual, dos atuais cursos de pedagogia e das salas de aulas. Em síntese, ao fim dessa entrevista conclui-se que a situação

atual dos cursos de pedagogia, dos pedagogos, das salas de aula pouco contribuem para a real aprendizagem. A pesquisa tem toda a atenção da entrevista. Para o entrevistado, na pesquisa está a possibilidade da verdadeira aprendizagem. Pedro Demo é bastante contundente. Vale a pena acompanhá-lo. Óbvio, sempre com o olhar crítico.

Doutro lado, a leitura da sexta edição da Dialogos nos oferece a oportunidade de avaliar o quanto Projetos como o Soappe, Teatro Universitário, Projem, todos de caráter extensionista contribuem para a aprendizagem.

O SOAPPE, lembra a Professora Marli, docente no curso de psicologia e psicóloga do projeto em pauta, é um projeto que atende prioritariamente



à população interna da UCB e se desenvolve por meio de psicólogos, pedagogos e estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia. A autora desta matéria recorre às inter-relações e à convivência, citando Maturana, como elemento constitutivo da aprendizagem, informando que estes são aspectos fortes do projeto. Estudantes que se beneficiam do SOAPPE, ao serem acolhidos, respeitados na sua alteridade, convivendo e relacionando-se na espontaneidade, aprendem a reformular suas relações, seu autoconceito, que resultam em libertação e caminho mais livre para outras aprendizagens. Além disso, como lá estão ativos muitos estudantes da psicologia e da Pedagogia que experimentam, na práxis, a consistência da informação teórica e se apercebem de quanto deverão ser criativos, diante da solução de situações que a sala de aula não lhes proporcionam.

No curso da leitura, encontra-se com o professor Marcos et alii e suas considerações relativas ao Projeto de Empregabilidade. A afirmação fundamental dos autores é que o “estágio realizado nas empresas é o caminho mais curto para o estudante se efetivar como trabalhador profissional”. O potencial de aprendizagem é realmente grande. O estudante se encontra com as exigências técnico-científicas do exercício profissional e, muito mais do que isso, com as pessoas com situações-problema, com os conflitos, numa palavra - a realidade. O projeto proporciona a experiência de dar aderência às informações teóricas e livrescas.

Vale a pena, a seguir, dar atenção à professora Simone e ao tratamento teórico que ela dá ao Projeto Teatro e como explora o potencial de aprendizagem nele contido. Trata o teatro como princípio educacional. O teatro, afirma a professora, possibilita o encontro da pessoa com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Contribui para a formação do cidadão sensível, capaz de conviver e de aceitar sua individualidade e a do outro e, ainda, a pluralidade. Auxilia a aprender expressar e trabalhar a cultura, intermediada com palavras e conceitos diferentes

de outrem. Sensibilidade, capacidade de expressar-se, clareza do conhecimento de si e abertura para a alteridade são, em síntese, os ganhos de quem participa do projeto teatro e, com certeza, também de quem assiste às apresentações.

A Revista Dia-Logos reserva ao leitor o encontro com dois idealistas: os professores Adriano e Ernandes. Trabalhando no Projeto Identidade Institucional, cuja base é a busca da apropriação da visão cristã de mundo, construída pelo diálogo e pela construção coletiva, apontam, além da aquisição dessa visão diferenciada de mundo, a prática de fazer o caminho, o processo de resgate da pessoa, a produção do conhecimento como solidariedade, a experiência de construir pessoas autônomas, a experimentação da afirmação contínua da subjetividade e intersubjetividade, como significativos momentos de aprendizagem. Esse projeto modela um tipo de profissional capaz de se superar e o faz ir muito além da vezeira, e normalmente, observada capacidade técnica e científica dos profissionais formados pelas universidades.

André Luiz et alii, na sequência, proporciona ao leitor o privilégio de conhecer uma experiência típica de educação de comunidades, cujo fundamento pedagógico “é o entendimento da realidade do educando, que se processa no ato de propiciar ao mesmo tempo uma ação reflexiva sobre o que vê, compreende e vivencia, para que ele possa expressá-la reflexiva e criticamente e, portanto, expressar a si mesmo, assumindo a responsabilidade de ser elemento de mudança da realidade”. Participar desse projeto é experimentar um processo diferenciado de educação. Essa experiência proporciona ao futuro profissional que dele participar, um modo novo para o seu fazer cotidiano, aspecto que a “sala de aula” não dá conta de efetivar, porém, imprescindível. Que o leitor vá ao texto e confira as grandes possibilidades de desenvolvimento sustentável e de aprendizagem para os estudantes de uma universidade, dessa ação típica de Extensão Universitária.

O último dos artigos da Revista proporciona uma grata surpresa: uma matéria produzida por Marina Aparecida e Paulo César, dois graduandos do Curso de Engenharia Ambiental e, ambos, participantes do Projeto de Educação Ambiental da Universidade Católica de Brasília. O relato do projeto testemunha o quanto aprenderam e como seus horizontes se alargaram. A visão da realidade proporcionada pelas quatro paredes da sala de aula é muito fria, formal, enquadrada e dificultadora da percepção de perspectivas. O PEA, sente-se nas entrelinhas dos relatores, pela práxis, mostra o sentido das coisas e do fazer, faz assumir responsabilidades e amplia a experiência de pertencimento à humanidade e ao planeta. Essa aprendizagem, ao que parece, pode ser garantida por um espaço alternativo, o da atividade extensionista.

Da leitura dos projetos, parece poder-se concluir que o exercício da cidadania, a aquisição e prática de valores, as decisões com a marca da ética, o teste e ajuste de competências e habilidades à realidade, a aptidão para resolver problemas situacionais não resultam da informação teórica e nem mesmo da geração de um conhecimento novo. Estes aspectos da aprendizagem emergem da multiplicidade de relações e convivência, do enfrentamento de situações concretas, da lida com espaços sociais mais amplos e aderentes à realidade. Não se trata de uma relação linear de teoria versus prática, mas da lida com a práxis que exige interpretação, aquisição de aptidões, decisões e engendra conhecimento, isto é, a aprendizagem de aspectos não contidos na capacitação técnica e científica do profissional. Mas, evidentemente embutidos nos projetos sócio-comunitários desenvolvidos pelas atividades denominadas de Extensão Universitária.

José Romualdo Degasperi
Pró-Reitor de Extensão

Referência Bibliográfica

BOTOMÉ, S.P. Pesquisa alienada e ensino alienante: o equívoco da extensão universitária. Petrópolis. Ed. Vozes, 1996.